

A questão filosófica de Deus em Martin Heidegger: Uma análise da interpretação de João A. Mac Dowell SJ*

**The philosophical question of God in Martin Heidegger:
An analysis of the interpretation of João A. Mac Dowell SJ**

Felipe Marçal Anunciação**

Resumo

A proposta deste artigo é apresentar o enigmático, complexo e extenso pensamento de Martin Heidegger (1889-1976) sobre a questão de Deus, em especial o seu pensamento sobre a onto-teo-logia da metafísica ocidental sob a luz interpretativa de de João A. Mac Dowell SJ (1934-). Apresentaremos os seis tópicos apresentados por Mac Dowell na 8ª comunicação do livro *Heidegger - a questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de sua obra* (2014), editada por esse autor. O objetivo consiste em produzir um conteúdo que colabore com as pesquisas sobre questão filosófica de Deus e a filosofia fenomenológica de Heidegger.

Palavras-chave: Heidegger; João Mac Dowell; Deus.

* Artigo recebido em 28/11/2018 e aprovado para publicação em 31/05/2019.

** Felipe Marçal Anunciação é graduado em Música pela UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) e mestrando em Filosofia pela FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Bolsista CAPES). E-mail: felipeanunciacao@outlook.com.

Abstract

The purpose of this article is to present Martin Heidegger's enigmatic, complex and extensive thinking on the question of God, especially his thinking on the theo-logy of Western metaphysics under the interpretive light of John A. Mac Dowell SJ (1934-). We will present the six topics presented by Mac Dowell at the 8th communication of the book *Heidegger – a questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de sua obra* (2014), edited by this Author. The objective is to produce a content that collaborates with the researches on the philosophical question of God and the phenomenological philosophy of Heidegger.

Keywords: Heidegger; John Mac Dowell; God.

Introdução

O pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) é muito amplo e complexo, com muitos termos e linguagens difíceis de serem compreendidos em uma primeira leitura, ou apenas estudando um livro. A compreensão de seu pensamento depende de releituras e da leitura mínima de sua bibliografia principal para que se inicie uma compreensão adequada. Um termo usado em um livro pode ser muito melhor compreendido em uma explicação mais detalhada em outro livro, como por exemplo, em minha experiência quanto à compreensão da “quadratura”, termo muito usado no importante livro “Contribuições à filosofia (do acontecimento)”, mas que só realmente compreendi de forma mais clara no livro “Heidegger e a obra de arte”, devido à melhor explicação e detalhamento no segundo livro. Ou seja, ler Heidegger não é uma tarefa simples, e sem a ajuda de intérpretes que se aprofundaram em seu pensamento, a chance de entendermos errado o seu pensamento é muito grande; principalmente um tema tão controverso e difícil como a questão filosófica de Deus, que é o tema central do pensamento heideggeriano deste artigo. Por isso decidi escrever este artigo, com o intuito de trazer aos interessados quanto à onto-teo-logia ocidental e o pensamento de Heidegger a interpretação do Pr. Dr. João Mac Dowell, que dentro de minhas pesquisas sobre o assunto, é o interprete que mais me ajudou na compreensão do filósofo alemão. O livro principal para essa apresentação é a 8ª comunicação do livro *Heidegger – a questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de sua obra* (2014), organizada por João A. Mac Dowell SJ da FAJE (livro de textos de vários autores organizado também por João A. Mac Dowell). O objetivo é contribuir com as pesquisas sobre a questão filosófica de Deus e a filosofia de Martin Heidegger.

Interpretação de João A. Mac Dowell SJ

A interpretação sobre a questão de Deus de João Mac Dowell que será apresentada neste artigo foi retirada do livro *Heidegger – a questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de sua obra*; uma série de textos sobre o autor de vários estudiosos do filósofo alemão, organizada pelo próprio Mac Dowell. O oitavo e último texto escrito por Mac Dowell “Martin Heidegger e a questão de Deus” será a nossa fonte.

O autor apresenta o assunto como muitíssimo amplo e complexo, por isso prefere deixar de lado o que ele chama de temas conexos ventilados por Heidegger como a relação entre a filosofia e a teologia, a compatibilidade entre fé e pensar filosófico e o aprofundamento da interpretação da “quadratura”¹ do mundo. Sua intenção é apresentar “um quadro global da questão de Deus em Martin Heidegger segundo a nossa compreensão”², como afirma o interprete. Para melhor clareza de sua exposição, Mac Dowell escolheu dividir o assunto em 6 partes:

1 – A questão de Deus é fundamental em toda a trajetória do pensamento heideggeriano. Esta característica de sua filosofia está relacionada com sua origem cristã católica.³

2 – As intuições fundamentais de Heidegger sobre a verdade do ser, nas duas fases de seu pensamento, foram inspiradas na experiência bíblico-cristã da existência humana, da qual ele extrai o arcabouço formal-ontológico de sua compreensão do fenômeno humano como Dasein, i.é, como relação constitutiva com o ser.⁴

3 – O ateísmo metodológico da primeira fase do pensamento de Heidegger não significa o seu desinteresse pela questão filosófica de Deus, mas se explica pelo fato de não dispor de uma linguagem alternativa à da metafísica, que lhe permitisse falar autenticamente do divino.⁵

4 – A virada do pensar de Heidegger, influenciada principalmente por Hölderlin e consignada na obra “Contribuições para a filosofia (do acontecimento)”, abriu caminho para pensar e falar do sagrado e de Deus.⁶

5 – Como indica a “Carta sobre o Humanismo”, é a partir da verdade do Ser que se poder pensar a essência do sagrado, do divino e de Deus ou dos deuses, como três momentos na expressão de uma

¹ Quadratura em Martin Heidegger consiste no cruzamento dos pares céu e terra e deuses e mortais.

² Mac Dowell, João A. HEIDEGGER: A questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de seu pensamento, pág. 208.

³ Idem, pág. 209.

⁴ Idem, pág. 216.

⁵ Idem, pág. 232.

⁶ Idem, pág. 237

mesma experiência, interior ao próprio acontecer da verdade (*Ereignis*).⁷

6 – O Deus, que pode ser nomeado como “último Deus”, a partir da experiência do sagrado, não é um ente, nem o ente supremo como fundamento do todo do ente, nem se identifica com o ser ou com a verdade do ser, mas evoca o fundo sem fundo da própria verdade do Ser, constitutiva da essência humana.⁸

Começemos então a expor sua interpretação na em sua ordem apresentada acima:

1 – A questão de Deus é fundamental em toda a trajetória do pensamento heideggeriano. Esta característica de sua filosofia está relacionada com suas origens cristãs católicas

“Sabemos que a questão fundamental e mesmo única para Heidegger é a questão da verdade do Ser. Como então atribuir um caráter fundamental á questão e Deus? A resposta será que tal questão está intimamente vinculada à pergunta sobre a verdade do Ser.” (João Mac Dowell)

Mac Dowell começa sua exposição dizendo que muitos intérpretes de Heidegger o consideraram um pensador ateu, mas que principalmente a partir do livro “Contribuições à Filosofia (do acontecimento)”, a maioria dos comentadores reconhece que a questão de Deus é um problema capital em seu pensamento. A partir desse ponto de vista, as palavras “sagrado”, “divino”, “deuses”, “Deus” já não seriam vistas como metáforas da linguagem do poeta Hölderlin quanto à realidade humana. Mac Dowell também cita Günter Figel (um dos grandes intérpretes de Heidegger) e sua opinião que a questão de Deus é central pelo menos a partir da segunda fase do filósofo para confirmação de sua interpretação. Mac Dowell acredita que as raízes na experiência religiosa católica de Heidegger confirmam sua opinião; pois “até o final de 1911, quando já com 22 anos, Heidegger passou da Faculdade Católica de Teologia para a Faculdade de Filosofia da Universidade de Friburgo, o ambiente religioso envolveu profundamente a sua formação, primeiro na família e terra natal e depois como candidato ao sacerdócio. O próprio Heidegger refere-se várias vezes à influência de suas origens teológicas no curso de seu pensamento. É clara também a familiaridade que adquiriu com a filosofia neoescolástica na versão que lhe foi transmitida, especialmente, pelo professor Carl Braig.”⁹

⁷ Idem, pág. 243.

⁸ Idem, pág. 251.

⁹ Idem, pág. 210.

Outro importante fator foi sua experiência juvenil no cristianismo que influenciou toda sua vida. Os estudos sobre Heidegger indicam que sua religiosidade não era apenas devido ao seu contexto social, mas por uma interiorização da fé cristã. Uma das provas dessa afirmação foi sua tentativa de ingressar no Noviciado da Companhia de Jesus quando tinha 19 anos para se preparar para o sacerdócio; mas sua tentativa foi frustrada. João Mac Dowell afirma que outra prova de seu fervor religioso são seus poemas escritos nessa mesma época. Mac Dowell também acha equivocado a posição de que Heidegger abriu mão da teologia pela filosofia, pois dentro da teologia era possível o estudo da filosofia. O fato é que Heidegger de alguma forma sempre se sentiu chamado para a vocação religiosa, e que até a sua desistência da carreira sacerdotal foi para ele uma atitude de fé.

Anos mais tarde, Heidegger rompe com o "sistema católico", mas não por falta de fé no cristianismo, mas por suas novas convicções oriundas de seus estudos filosóficos.¹⁰ Heidegger começou a ver a incompatibilidade entre a revelação bíblica e a normatização dogmática e jurídica da vida cristã. Mas mesmo com todas as suas descobertas que caminhavam contra o sistema católico, Heidegger muito admirava os escritos dos místicos cristãos e de outros autores religiosos. Prova disso foram seus primeiros cursos como professor assistente na Universidade de Friburgo, que como diz Mac Dowell "mesmo contra a prática vigente, se voltassem justamente (seus primeiros cursos) para o campo da filosofia da religião, mas especificamente para a análise da experiência cristã nos místicos medievais, em S. Agostinho e, finalmente, no Novo Testamento, através de sua expressão originária contida nas cartas do apóstolo Paulo".¹¹ João Mac Dowell também discorda da posição muito difundida de que Heidegger tivesse supostamente se convertido ao protestantismo ou tivesse se dedicado à teologia protestante; mas acredita que o pensamento de Martinho Lutero e do protestantismo de alguma forma influenciaram o pensamento heideggeriano. Segundo Mac Dowell "certamente ele estudou conscienciosamente as obras de Lutero em busca justamente de uma expressão mais pura da experiência cristã, naquele que procurara desvencilhar-se do jugo da filosofia e da teologia escolásticas, recorrendo diretamente ao texto bíblico.....Seu desligamento da Igreja Católica e esta proximidade com o mundo protestante levaram alguns, mal informados, já na época, como próprio Husserl, a considerá-lo um adepto do luteranismo".¹² Mac Dowell acredita ser possível que a "*theologia crucis*" de Martin Lutero e sua desconfiança quanto à especulação filosófica tenham influenciado Heidegger quanto à recusa de uma prova metafísica da existência de Deus ou à ideia de que a teologia deveria extrair da própria revelação as categorias possíveis de pensar Deus. Mas mesmo com todas essas concordâncias com o pensamento de Lutero, Heidegger não concorda

¹⁰ A carta de Heidegger para o amigo Engelber Krebs de 1919 confirma essa posição. Fonte para pesquisa: CF. Brief an Krebs, in: CASPER, B. , Martin Heidegger und die theologische Fakultät Freiburg, 1909-1923, in: *Kirche am Oberrhein*, Freiburger Diözesanarchiv, 100, 1980, p.540s.

¹¹ Mac Dowell, João A. HEIDEGGER: A questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de seu pensamento, p. 213 e 214.

¹² Idem, p. 214 e 215.

plenamente com ele quanto ao desprezo completo por Aristóteles e à filosofia em geral. Para Mac Dowell “mesmo que tivesse recebido algum influxo teórico da teologia protestante, a espiritualidade cristã que ele viveu tem um cunho estritamente católico, como demonstra, p. ex., sua valorização tanto da mística e da experiência religiosa, em geral, olhadas com reservas pelo protestantismo tradicional, quanto da liturgia solene e dos ritos populares.”¹³

João Mac Dowell fecha a primeira parte dizendo que segundo Heidegger, somente a partir da vida religiosa no cristianismo é possível compreender filosoficamente o que é religião.¹⁴ É a recordação desta experiência marcante de sua juventude, que resistiu às eventuais tentativas de sufocá-la, que manterá vivo ao longo da evolução de seu pensamento, o questionamento acerca de Deus e do acesso a ele pelo pensar.”¹⁵ O conflito entre EXPERIÊNCIA e PENSAMENTO será um dos dois “espinhos na carne”¹⁶ de Heidegger no decorrer de sua vida. Sua experiência cristã sempre o acompanhou, mesmo que de forma diferente da convencional.

2 – As intuições fundamentais de Heidegger sobre a verdade do ser, nas duas fases de seu pensamento, foram inspiradas na experiência bíblico-cristã da existência humana, da qual ele extrai o arcabouço formal-ontológico de sua compreensão do fenômeno humano com *Dasein*, i.é, como relação constitutiva com o ser.

João Mac Dowell diz que a questão do sentido de ser que esteve de forma central no pensamento de Heidegger, é uma questão radicalmente nova, até então nunca apresentada na história da filosofia ocidental. Segundo Heidegger, Platão vislumbrou-a e, de certo modo, lhe deu uma resposta, sem, contudo, dar-se conta de que sua concepção de essência ou ideia constituía propriamente uma resposta a tal questão. A tradição filosófica do Ocidente adotou o sentido de ser proposto por Platão, como simplesmente óbvio e evidente, sem jamais voltar a levantar qualquer questionamento a respeito.”¹⁷ Mac Dowell não pretende afirmar de forma cabal como Heidegger conseguiu ter uma nova compreensão sobre a verdade do Ser, mas acredita que Heidegger deixa uma pista para a compreensão de seu pensamento: a informação consiste na reflexão aristotélica sobre o múltiplo significado de ser, tema de uma obra do filósofo Franz Brentano, que em 1907 despertou seu interesse pela Filosofia e sua interrogação quanto a questão de Ser. Mas, é sabido por todos que Heidegger não pensa o Ser como o modo fundamental que Aristóteles

¹³ Idem, pág. 215.

¹⁴ HEIDEGGER, Martin. *Phänomenologie des religiösen Lebens*. GA v.60, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995, p.124.

¹⁵ Mac Dowell, João A. HEIDEGGER: A questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de seu pensamento, pág. 216.

¹⁶ Expressão usada pelo apóstolo Paulo na bíblia.

¹⁷ Mac Dowell, João A. HEIDEGGER: A questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de seu pensamento, pág. 217 *Apud C.F. HEIDEGGER, Martin. Sein und Zeit. Tübingen: Max Niemeyer, 1957, 8ª ed. P.2.*

apresentou através das 10 categorias em sua *Metafísica*: “trata-se antes da maneira de compreender o ser, como distinto do ente, ou melhor, como horizonte luminoso no qual o ente aparece enquanto ente ao ser humano, entendido como o *aí-ser*, *Dasein*.”¹⁸ Heidegger se refere então à transcendência do *aí-ser* sobre o ente, o nível ontológico. Aborda a designação de “essência” do ente pela tradição e a reinterpreta radicalmente. “Levantar a questão do sentido de ser equivale, portanto, a questionar o sentido de ser ou de ‘essência’ (*eidōs, ousia*), que prevaleceu sem contestação ao longo de toda a história da filosofia ocidental, ou seja, da metafísica, como Heidegger a caracterizará mais tarde. Mas, para questionar o sentido tradicional de ser, é necessário, pelo menos, vislumbrar que ser pode ter outro sentido.”¹⁹ A partir desse novo pensar João Mac Dowell aponta para um dupla intuição radicalmente inovadora que determinará todo o pensamento de Heidegger:

“Por um lado, trata-se da descoberta da hermenêutica, não simplesmente como método de interpretação de textos, mas como a própria estrutura do compreender humano, que aborda necessariamente o ente à luz de uma perspectiva específica, não de um ponto de vista único e, portanto, absoluto; Em outras palavras, o ente, também no seu todo, pode ser compreendido pelo ser humano sob perspectivas diversas. Portanto, se o sentido de ser é dado no compreender humano e este é essencialmente hermenêutico, ser pode ter mais de um sentido.”²⁰

Então o ser do *aí-ser* não pode ser abordado apenas pela perspectiva naturalista tradicional, que comandou até então a compreensão de ser, como presença constante à luz do tempo entendido cronologicamente. Essa seria a descoberta mais originária de Heidegger segundo Mac Dowell, a nova perspectiva para analisar o ser do *aí-ser*; o que no livro *Ser e Tempo* (obra vista como a mais importante de Heidegger) foi realizado com o nome de “*Análítica existencial*”. A compreensão deste assunto é fundamental para o conhecimento do pensamento de Heidegger segundo João Mac Dowell: “Eu sou a minha autocompreensão e, ao compreender-me, o que compreendo é a minha vida, a minha história no seu acontecer.”²¹ Compreensão que se divide em dois elementos: Por um lado, eu me compreendo como ser no mundo, não me compreendendo apenas como sujeito entre outros entes e objetos; e por outro lado, a minha compreensão é essencialmente temporal, em função do tempo kairológico ou existencial, e não do tempo cronológico, como sucessão de instantes, a maneira tradicional. A autocompreensão do *aí-ser* implica então não só o passado, como o que tem sido e já é, mas também o futuro, um vasto campo de possibilidades, apenas limitadas pelo que já sou. Não viver apenas a

¹⁸ Idem, p. 217.

¹⁹ Idem, p. 217 e 218.

²⁰ Idem, p. 219.

²¹ Idem, p. 220.

facticidade da vida, mas dar o sentido a própria vida, pois a vida é aberta e não fechada e determinada. O *aí-ser*, portanto é a sua existência, a própria história de cada indivíduo. Existir este, que se encontra em uma escolha radical de ser ou não ser aquilo que propriamente é, ganhar ou perder a sua própria vida, compreender-se ou não.

Esta compreensão inédita quanto ao ser humano como *aí-ser*, segundo Mac Dowell, foi iniciada através do texto "Problemas Fundamentais da Fenomenologia", ministrado no semestre de inverno (1919-1920), e na recensão do livro de Karl Jaspers "Psicologia das mundivisões" da mesma época. Mas o assunto é exposto de forma mais completa no curso "Introdução à Fenomenologia da Religião", ministrado no semestre de inverno de 1920 e 1921, apresentando um comentário sobre as cartas do apóstolo Paulo:

"Ele identifica claramente na experiência protocristã, consignada em tais cartas, uma compreensão da existência humana, que ele chama de *fáctica*, e que se caracteriza por uma concepção *kairológica* e não *cronológica* do tempo humano. Diante da brevidade da vida, da morte certa, mas que chega inesperadamente como um ladrão, Paulo exorta os cristãos a despertarem do sono e aproveitarem a oportunidade de decidir-se enquanto é tempo, assumindo a oferta de vida autêntica em Jesus Cristo. Tratava-se de um apelo à liberdade de cada um, enquanto responsável por sua vida, por seu destino. A mesma interpretação da existência encontra-se, aliás, na pregação de Jesus nos evangelhos, com sua insistência na vigilância, como um viver na expectativa da *parousia*, ou seja, do fim dos tempos com a nova vinda de Cristo, bem como na alternativa radical da salvação ou perdição, expressa em frases como: quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a sua vida, por causa de mim e do Evangelho, a salvará (Marcos 8,35)"²²

Mac Dowell constata então que Heidegger via nas descrições da vida cristã do apóstolo Paulo uma concepção do ser humano não naturalista, mas histórico e existencial. A experiência protocristã então seria um exemplo da própria experiência do homem, experiência essa de todos aqueles que vivem a sua fé. Heidegger acreditava que os místicos e grandes nomes da história do cristianismo representavam a verdadeira fé em suas histórias de vida, mas que suas interpretações filosóficas sobre a religião seriam problemáticas, pois se deformariam nas categorias do pensamento metafísico. Heidegger também não considerava que a verdadeira experiência do Ser se encontrava apenas no cristianismo, mas que era possível em qualquer outra realidade.

A segunda afirmação de Mac Dowell neste tópico é a influência bíblico-cristã na concepção Heideggeriana de experiência que se consumou em 1935. Nesta fase Heidegger (1) inverte a rota seguida em "Ser e tempo" em busca

²² Idem. Pág. 223.

da determinação do sentido de ser e (2) ele não se concentra na determinação do ser do aí-ser, como tal, na sua singularidade histórica, sob o ponto de vista da existência, mas através da historicidade do próprio ser, nas diversas etapas de sua manifestação ou de sua verdade, correspondentes a outros tantos mundos.

Mac Dowell diz também que a originalidade do pensamento de Heidegger não se deve a sua experiência oriental, em especial no *Tao*, porque como o próprio Heidegger disse, os problemas do ocidente não se resolverão com soluções vindas do contexto do oriente. Mac Dowell reafirma a experiência bíblico-cristã de Heidegger como fundamental para o seu pensar, alegando que o abrir-se como ser no mundo do aí-ser tem forte semelhança com os ensinamentos do Novo Testamento e de Jesus Cristo, principalmente no âmbito de renunciar a autossuficiência; principalmente depois de renúncia do reitorado da Universidade de Friburgo e toda a frustração que envolve esse momento. Heidegger inverteria então a rota, não pretendendo determinar o sentido do Ser em função da compreensão autêntica do aí-ser, mas deixar ser, deixar que o Ser se manifeste por si mesmo, acolhendo a verdade que o liberta. Mesmo com toda a sua posição quanto à experiência bíblico-cristã e o pensamento de Heidegger, João Mac Dowell diz que o Ser que se revela não é o suposto Deus Criador da experiência cristã, ou qualquer outro deus; mas que seu uso de palavras está muito relacionado com a linguagem bíblica. Um exemplo interessante é a sua preferência pelo escutar (*hören*) sobre ver/contemplar (*schauen*) e a exploração da relação com a obediência (*gehorsam*); um contraste claro entre o pensamento grego e o hebraico. Nesse contexto, Heidegger acreditava que o perguntar (*fragen*), termo chave para a tradição ocidental, relacionado também com o sentido de ser, já não consegue exprimir radicalmente a atitude própria do pensar e deve ser substituído por "escutar" (*hören*).²³ Nesta nova fase (segunda) "compreender" (*verstehen*) é substituído por "pensar" (*denken*), sendo a expressão básica do conjunto da existência humana o "agradecer" (*danken*), atitude essa bastante bíblica segundo o intérprete; que conclui que "a virada que introduz a nova fase do pensar heideggeriano, se não foi diretamente inspirada na experiência bíblico-cristã, certamente se apoiou na linguagem da Bíblia para a sua expressão."²⁴

3 – O ateísmo metodológico da primeira fase do pensamento de Heidegger não significa o seu desinteresse pela questão filosófica de Deus, mas se explica pelo fato de não dispor de uma linguagem alternativa á da metafísica, que lhe permitisse falar autenticamente do divino

²³ Idem. Pág. 231.

²⁴ Idem. Pág. 232.

João Mac Dowell diz ser notória a omissão da questão de Deus na primeira fase de Heidegger (1920 a 1934), mas como visto no tópico anterior, as ministrações dos cursos de inverno de 1920 a 1921 e 1921 a 1922 foram muito importantes nesse período para a compreensão existencial e histórica da essência do ser humano. Heidegger afirmou nessa fase que a filosofia deveria ser por principio a-téia; por isso segundo o interprete "ele quer dizer que a omissão da questão de Deus não é algo casual ou episódico, mas corresponde à própria natureza da filosofia...."²⁵e que por isso, para a surpresa dos apressados quanto a primeira conclusão, "justamente por causa de sua tendência fundamental, ela não pode arrogar-se a querer possuir ou determinar Deus".²⁶Então para o interprete o ateísmo metodológico nada tem a ver com a negação de Deus, mas que para a filosofia falar de Deus seria uma arrogância, uma distorção; pois a filosofia é um constante questionar, atitude que proíbe o chegar a afirmações ultimas da realidade. "Tal pretensão seria determinar Deus, ou seja, aprisiona-lo nas malhas da razão e de seus conceitos. Tal é a sina da metafísica tradicional, com suas provas da existência de Deus, como ente supremo."²⁷ Toda essa insatisfação com a metafísica tradicional do ocidente é que inquietou Heidegger e o fez aprofundar-se nos estudos dos místicos medievais, e em Hegel, Kierkegaard e Dilthey desde sua juventude e na conclusão de sua dissertação "A Doutrina das categorias e dos significados de Duns Scotus". Seu incômodo o leva a questionar a interpretação naturalista do homem como animal racional, o sentido metafísico de ser (como presença constante). O que o fará questionar mais ainda a ideia metafísica de Deus como ente primeiro e fundamento da realidade, considerada distante da fé neotestamentária e experiência religiosa em geral. Sua inovadora forma de entender esses assuntos o faz acreditar que a verdadeira forma de filosofar consiste no método fenomenológico-hermenêutico, e não mais da forma ontológica tradicional. Isto significa para Mac Dowell "a exclusão dos processos dedutivos como passagem do imediato da experiência a algo não acessível experiencialmente, mas afirma o mediamente como conclusão lógica de um raciocínio. Ora, para a metafísica, Deus não é conhecido diretamente, mas exigido pela razão humana para a explicação do mundo de nossa experiência."²⁸O método fenomenológico atinge Deus como experiência humana, o fenômeno a partir dele mesmo e não mediante categorias extraídas de outros fenômenos; excluindo assim as analogias, aplicação de conceitos e termos que se referem a realidades humano-mundanas para interpretar a realidade divina. Heidegger nega a questão de Deus se ela não puder ser identificada na experiência humana. Mac Dowell observa: "seu silêncio a respeito de Deus deve ser entendido, sobretudo, como uma maneira de protestar contra o palavratório vazio, que fala de Deus sem a experiência correspondente.

²⁵ Idem. Pág. 233.

²⁶ Idem.

²⁷ Idem. Pág. 234.

²⁸ Idem. Pág. 236

Com efeito, ele não exclui a possibilidade de um contato do ser humano com o divino.”²⁹

4 – A virada do pensar de Heidegger, influenciada principalmente por Hölderlin e consignada na obra “Contribuições para a filosofia (do acontecimento)”, abriu caminho para pensar e falar do sagrado e de Deus.

O interprete dessa parte do artigo considera que a viragem do pensar heideggeriano pode ser considerada como “superação da crise intelectual e existencial, ligada, seja ao insucesso de sua grandiosa tentativa de elaborar o novo sentido de ser em Ser e Tempo, seja ao episódio do reitorado e suas consequências.” Devido às duras experiências, Heidegger se isola durante meses em sua cabana. Momento em que estudou mais de perto Nietzsche e o poeta Hölderlin. Estes estudos tem grande influência no curso de 1934 “Lógica, a pergunta pela essência da verdade”, “Ensaio sobre sua concepção da essência da poesia (1936), e outros 6 cursos universitários entre 1936 a 1942.³⁰ Heidegger considera os dois pensadores que são muito diferentes, semelhantes quanto a interpretação do mundo moderno.

Heidegger acredita que Nietzsche confirma seu pensamento ao identificar na metafísica o modo de pensar e de compreender a realidade no pensamento ocidental desde Platão. Por outro lado, o anúncio da morte de Deus lucidamente aponta o niilismo da cultura atual como última expressão do império da metafísica da subjetividade. Heidegger só não concorda com Nietzsche quanto à superação dessa crise. “Ao absolutizar a vida, como a verdadeira realidade, em contraposição aos valores abstratos da ciência e da moral, que demonstraram finalmente toda a sua inanidade, Nietzsche permanece, segundo Heidegger, com sua inversão de todos os valores, no interior da distinção metafísica entre sensível e inteligível”³¹. Opinião com que muitos interpretes de Nietzsche discordam. Mac Dowell cita que “a proposta nietzschiana de uma nova humanidade através da emancipação dos ideais da razão que mortificam o impulso vital é para ele inaceitável. Certamente, a experiência por que acabara de passar o prevenia contra qualquer afirmação da autossuficiência humana.”³²

Sua principal inspiração vem do poeta Hölderlin, que Heidegger considera ter entendido a morte de Deus antes de Nietzsche. Nietzsche entendia que esse dado exigia o surgimento de um novo homem, o supra-homem sem Deus. Já Hölderlin considera essa constatação como algo doloroso. Trata-se então de uma época de escassez, marcada pela fuga dos

²⁹ Idem, p. 236 e 237.

³⁰ O essencial destes cursos é encontrado em HEIDEGGER, Martin: Nietzsche I. ga V.6.1; Nietzsche II. GA v.6.2 Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1996, 1997.

³¹ Mac Dowell, João A. HEIDEGGER: A questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de seu pensamento, p. 238 e 239.

³² Idem, p. 239.

deuses, no qual a noite reina sobre o mundo. “O horizonte existencial do poeta é aberto para o mistério sagrado.....por isso, ele é capaz de fazer a experiência tanto da retirada de Deus (*Entzug Gottes*) quanto do vestígio do sagrado (*Spur des Heiligen*). Neste sentido ele é o poeta dos deuses em fuga e, ao mesmo tempo, do Deus por vir. Ele interpreta o presente como o tempo intermédio entre o verdadeiro passado e o verdadeiro futuro que constituem a essência do aí-ser como abertura ao acontecer da verdade (*Ereignis*)³³. Heidegger encontra em Hölderlin uma atitude não dominadora, que leva a cantar com júbilo o mistério da natureza; e uma linguagem que supera o significante (sensível) e o significado ((inteligível) da metafísica grega. Essa nova forma de pensar desde 1930 é que produziu uma das suas grandes obras “Contribuições a Filosofia (Do acontecimento)”, livro póstumo do filósofo alemão. Nesta fase “as descobertas da Analítica Existencial como Ontologia Fundamental, relativas às estruturas constitutivas do ser do aí-ser abordado sob a perspectiva histórico-existencial, não são abandonadas, mas integradas num horizonte mais amplo. Trata-se agora da verdade do Ser entendida a partir de sua própria historicidade. O acontecer da verdade do Ser como desocultação/ocultamento ao longo das diferentes etapas da história do Ocidente, designado com o termo alemão *Ereignis*, é constitutivo da própria essência do aí-ser.”³⁴Neste livro sua crítica à metafísica e as menções de Deus e deuses são constantes, em especial na parte em que aborda o “Último Deus”. João Mac Dowell deixa claro que esse Deus não é um ente, nem um ser e nem um fim no sentido histórico, mas o outro começo de nossa história, com muitas possibilidades. Deus então aparece no acontecer da verdade do ser; e a chegada do Deus ou dos deuses não se dá senão no seu retraimento, quando experimentado como fuga. As frustrações de Heidegger então o levariam a um pensamento não autossuficiente e autoafirmativo, que busca o ser antes da liberdade humana em busca da verdade que liberta.³⁵

5 – Como indica a “Carta sobre o Humanismo”, é a partir da verdade do Ser que se poder pensar a essência do sagrado, do divino e de Deus ou dos deuses, como três momentos na expressão de uma mesma experiência, interior ao próprio acontecer da verdade (*Ereignis*).

Mac Dowell afirma que as principais descobertas que estão no livro póstumo “Contribuições a filosofia” foram divulgadas em 1947 na “Carta sobre o Humanismo”; documento precioso em que Heidegger discute temas importantes como a problemática do divino. Nesta carta Heidegger diz que é “a partir da verdade do ser que a essência do sagrado se deixa pensar. É

³³ Idem.

³⁴ Idem, p. 241.

³⁵ Muito difícil não se lembrar do conceito de “Graça” do cristianismo e do esvaziar-se do eu para a verdadeira liberdade apontada por Cristo.

tão somente a partir da essência do sagrado que a essência da divindade é pensável. É tão somente à luz da essência da divindade que pode ser pensado e dito o que a palavra 'Deus' deve nomear."³⁶ A compreensão de Deus e divino para Heidegger seria então o aprofundamento da "verdade do ser". Ao se dar, o Ser capacita o horizonte de seu pensar, que seria a liberdade e a manifestação da verdade.

O que Heidegger afirma é que o homem moderno não conhece a verdade do Ser, pois está totalmente voltado para o ente, fechado para a sua manifestação; por isso Nietzsche e Hölderlin estavam certos quanto a sociedade sem Deus, o niilismo, a história sem o Ser mesmo, que só o ente tem validade, que culmina no mundo da técnica. Mac Dowell alega que esta situação se caracteriza não pela proximidade do divino, mas pela experiência da ausência em um mundo dessacralizado pela ciência e pela planificação técnica; e que se o vestígio do sagrado desaparece, já não se percebe a sua falta. Daí resulta o niilismo extremo da contemporaneidade.³⁷ A solução para Heidegger então seria o "pensar da verdade do Ser que prepara sua liberdade...a eventual manifestação do sagrado", pois para Heidegger "Só um Deus pode salvar-nos!"³⁸

A verdade do Ser segunda Heidegger consiste na des-ocultação, introduzindo o aí-ser no espaço luminoso do Ser no qual os entes vêm ao nosso encontro na variedade de seus modos de ser. O sagrado seria "o escondido, retirado, indisponível, região que, de algum modo, precede e origina a claridade do espaço aberto, constitutivo do aí-ser. Experienciá-lo implica, não considerar a claridade do Ser diretamente em seu luzir, mas como um clarão que surge da escuridão."³⁹ Heidegger não acredita em categorias para a autotranscendência, mas reconhece a aspiração de plenitude (*Fülle*), entendida no alemão como "*das Heile*", o que Mac Dowell traduz por "São e salvo", que seria a inteireza da própria existência. Mac Dowell afirma que Heidegger entende o termo "Sagrado" (*das Heilige*) como relação da experiência com a aspiração humana de plenitude e salvação.⁴⁰ Mac Dowell também diz que mesmo usando termos semelhantes de pensadores da religião como Rudolf Otto e Mircea Eliade, Heidegger pensa o sagrado de uma forma radicalmente diferente. Pois para ele o sagrado não seria uma hierofania, mesmo nas religiões monoteístas, politeístas, panteístas ou animistas que representam Deus como um ente superior, mas sim como um horizonte do Ser, não como um ente. O sagrado seria a dimensão oculta da "verdade do Ser". A divindade corresponde, portanto, ao elemento comum a toda experiência religiosa, que inclui justamente o seu permanente retrair-se e retirar-se do espaço luminoso do Ser.

³⁶ Idem. Pág. 243. Apud Heidegger, Martin. Brief über den Humanismus, in: Wegmarken. Frankfurt Am Main: Vittorio Klostermann, 1967, p.181s.

³⁷ Idem. Pág. 245.

³⁸ HEIDEGGER, Martin. Spiegel-Gespräch mit Martin Heidegger (23. September 1966, in: Reden und andere Zeugnisse eines Lebensweges. GA v.16. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000, p.671.).

³⁹ Mac Dowell, João A. HEIDEGGER: A questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de seu pensamento, pág. 246.

⁴⁰ Idem.

Sobre a nomeação de Deus, Mac Dowell diz que Heidegger via a palavra Deus como nomeação da divindade que pode ser pensada, enquanto se manifesta no mundo como horizonte da existência humana, ou seja, uma experiência historicamente contextualizada do divino, fruto do encontro do ser humano com o sagrado; pois para Heidegger, é Deus ou os deuses que se apresentam ao homem, e não o contrário. Mac Dowell acrescenta:

“Como o nome Deus designa-se o acontecimento histórico marcante, no qual a essência do sagrado, enquanto oculta, é percebida de tal modo que os seres humanos experienciam intimamente a sua ligação essencial com tal dimensão e a configuram expressamente no mito e no rito. Tudo indica que Heidegger vê uma nomeação autêntica do Deus, seja na religião grega antiga, seja na experiência cristã originária, que se prolonga até a modernidade, apesar do caráter onto-teológico e deformador das tentativas de expressá-la no pensamento filosófico ou teológico”. Trata-se de diferentes figuras de Deus ou dos deuses, correspondentes a cada mundo e á experiência do sagrado que neles é possível a luz da verdade do Ser.”⁴¹

A grande crise da modernidade, que a diferencia dos períodos anteriores é que para Heidegger a civilização moderna é a civilização da técnica, que dispersa o homem através da investigação e manipulação do ente, e com isso, a busca pelo Ser e conseqüentemente do sagrado é esquecida; o que faz Heidegger acreditar que o nome de Deus é dito de forma vã pela modernidade – uma blasfêmia, pois não se apoia na experiência do sagrado em si, mas em valores apenas mundanos interesseiros. Então, João Mac Dowell afirma que para Heidegger o problema não se resume na “Morte de Deus” anunciada por Nietzsche ou na morte da metafísica, mas na não experiência que contrarie a forma de pensar vigente, o que consiste na “fuga dos deuses” (*Götterflucht*) também dita por Hölderlin. Tal expressão enigmática significa “o fim da vigência dos que já tem sido nomeados como deuses na civilização ocidental, particularmente do Deus cristão, o que torna impossível fazer hoje em dia a experiência do sagrado, que eles proporcionam”.⁴² A “fuga dos deuses” então não seria negativa, mas um esquecimento necessário, pois para uma experiência plena do sagrado seria necessário o não-mais-saber, para que a possibilidade de guardar na indisponibilidade o que não podemos dispor seja possível.

6 – O Deus, que pode ser nomeado como “último Deus”, a partir da experiência do sagrado, não é um ente, nem o ente supremo como fundamento do todo do ente, nem se identifica com o ser ou

⁴¹ Idem, p. 249.

⁴² Idem. Pág. 250.

com a verdade do ser, mas evoca o fundo sem fundo da própria verdade do Ser, constitutiva da essência humana

Na sexta e última parte de sua exposição, Mac Dowell diz que Heidegger em seu "Beiträge zur Philosophie"⁴³ pensa a transição da modernidade entre a "falta de Deus" e "os deuses por vir". Então é possível a proximidade com o "último Deus" (*die Nähe des letzten Gottes*), mas apenas no retraimento (*Entzug*) e recusa (*Verweigerung*) do próprio Ser. Nas palavras do intérprete: "O que se pode experimentar não é mais do que o aceno (*Wink*) do último Deus, que dá a entender a irrupção (*Anfall*) e a ausência tanto da chegada como da fuga dos deuses. Esta experiência de uma temporalidade indefinida e aberta é reservada, porém, àqueles que se dispõem ao outro começo (*der andere Anfang*), contraponto do primeiro começo do filosofar, que acabou assumindo o caráter metafísico."⁴⁴ Este pensamento consiste no pensar amadurecido de Heidegger após o "Ser e Tempo", a virada (*Kehre*) do caminho de Heidegger. Segundo Mac Dowell na altura de "Ser e Tempo" a existência autêntica como escuta do apelo do ser seria à projeção de um mundo, concebido a partir do antecipar-se à morte, que assumia a experiência do nada, como sentido da existência finita. Na nova situação "o acontecimento apropriador da essência do aí-ser implica a experiência do último Deus"⁴⁵, o que seria a abertura temporal ao ser. Então o afastamento do já sido e do por vir através da experiência do último Deus é que torna possível experimentar a unidade deste tempo, que só poderá acontecer na articulação das dimensões temporais.

O aceno do último Deus então abre para o aí-ser o seu horizonte temporal de liberdade retirando-se, se manifestando apenas de passagem (*im Vorbeigang*). Segundo Mac Dowell, não como os outros deuses que surgem e permanecem durante um período histórico, em determinado mundo, para depois desaparecerem. "O último Deus não assume uma figura individual, nem se torna o centro de uma fé e de um culto. Ele não é como os outros, mas, justamente, o último Deus, não em sentido cronológico, mas enquanto leva ao extremo a essência da singularidade divina."⁴⁶ Heidegger diz que "o que é experimentado é propriamente a 'fundação' (*Gründung*) do aí-ser como abertura temporal, que mantém o equilíbrio entre a autoafirmação de uma vida que confia apenas nas próprias forças e o apoiar-se (*Hinwendung*) em um poder transcendente e soberano."⁴⁷ Mac Dowell diz que é através deste equilíbrio que se encontra a verdadeira essência do aí-ser como liberdade finita. O último Deus é que constitui a liberdade do aí-ser e é apenas na liberdade do aí-ser que se pode experimentar o último Deus. A

⁴³ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie (vom Ereignis)*. GA v. 65. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann (1989), 1994, 2ª ed.

⁴⁴ Mac Dowell, João A. HEIDEGGER: A questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de seu pensamento, pág. 251 e 252.

⁴⁵ Idem. Pág. 252.

⁴⁶ Idem, pp. 252 e 253.

⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*. GA v. 65. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann (1989), 2ª ed. pp. 186 e 187.

liberdade para Heidegger então não “é”, mas se dá autenticamente no encontro entre Deus e o homem, que consiste no acontecimento apropriador para Mac Dowell.

O intérprete afirma que sua interpretação pode ou não ser aceita, mas que pensar que Heidegger apenas usa jogo de palavras ou palavras fantásticas sem qualquer apoio da experiência humana também não seria adequado para compreender o filósofo. Mac Dowell acredita que Heidegger está profundamente comprometido com o desvendar da essência do ser humano, “a partir da oportunidade fornecida pelo contexto histórico atual da morte do Deus da metafísica, apontando para a relação constitutiva do *aí-ser*, não só como o Ser, mas com o sagrado e o divino, como mistério supremo que funda a verdade do Ser.”⁴⁸ Não seria uma forma de fundamentar o mundo metafisicamente como os filósofos clássicos gregos fizeram recorrendo a Deus, mas uma relação entre Deus e o homem, como um diálogo, que Heidegger apenas afirma a possibilidade sem “entabular” Deus num pensar filosófico. Mas não seria essa busca de Heidegger a mesma busca que existia entre os antigos que culminou na experiência mítica religiosa? Mac Dowell cita uma pergunta interessante de Günter Figal:

“O que Heidegger tenta captar pelo pensamento como o último Deus, não seria antes aquela divindade, á qual convém restituir as figuras do mito e da revelação – o primordial e originário, que dá sentido ao mito e à revelação, enquanto constitui o âmbito (*Spielraum*) no qual eles surgem?”⁴⁹

Mac Dowell acredita que claramente se estabelece a alteridade entre as duas liberdades, que não são nem uma, nem outra concebidas como algo existente que está aí diante (*vorhanden*), no caso o pensamento cristão e o pensamento de Deus heideggeriano. Mac Dowell diz também que o problema da existência de Deus para Heidegger é sem sentido, pois existir para Heidegger, quanto ao significado de estar aí no mundo ou num âmbito equivalente, é o sentido de ser da metafísica, o que Heidegger considera secundário e inadequado. Para Heidegger o novo sentido de Ser significa manifestar-se, apresentar-se, presentificar-se. O ser seria então aquilo que se manifesta, o seu significado. Com isso, “nem do Ser, nem do sagrado pode-se dizer que “são”, pois não se trata de entes”.⁵⁰ Então a experiência do sagrado como divino que permite a nomeação de Deus (ou o último Deus) não pode ser concebida como um ente que se manifesta do horizonte do Ser, porque evoca a dimensão oculta e originária da verdade do Ser, que constitui o *aí-ser* como tal. Mac Dowell observa que Heidegger utiliza o

⁴⁸ Mac Dowell, João A. HEIDEGGER: A questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de seu pensamento, p. 253.

⁴⁹ FIGAL, Günter. *Gottersvergessenheit. ÜBER das Zentrum von Heideggers Beiträgen zur Philosophie*, in: *Internationale Zeitschrift für Philosophie*, 2/2000, p. 188.

⁵⁰ Mac Dowell, João A. HEIDEGGER: A questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de seu pensamento, pp. 254 e 255.

termo “*wesen*” não como substantivo (que significaria essência), à maneira da metafísica ocidental, mas como forma verbal, que Mac Dowell traduz como “vigir” ou ter vigência. “O Ser e a verdade do ser, também como ocultamento, não são, mas vigem (*West*), com uma vigência diferenciada nos diferentes mundos, de acordo com a sua historicidade própria. A Deus e aos deuses, contudo, na medida em que aparecem determinadamente em um mundo histórico, enquanto são nomeados na linguagem, Heidegger não aplica a forma verbal (*wesen*). Entretanto, ele não pode ser considerado um ente, como os outros, tampouco um não-ente.”⁵¹ Interessante é uma citação de Heidegger sobre o assunto:

Os deuses precisam do Ser não como uma propriedade, na qual eles encontram apoio. Os deuses precisam do Ser, para que por ele, que não lhes pertence, eles se pertençam a si mesmos. O Ser é usado pelos deuses. Ele é a carência deles, e a necessidade do Ser nomeia sua vigência, como o exigido pelos ‘deuses’, mas nunca causável ou condicionável. O fato de precisarem do Ser impele os próprios deuses no abismo (a liberdade) e expressa a recusa de qualquer fundamentar e provar.⁵²

João Mac Dowell conclui sua interpretação dizendo que “a historicidade do Ser e de sua verdade significa que ele se manifesta de maneiras diversas nas diferentes épocas de sua história”⁵³ e que “tudo indica que para Heidegger a noção de Ser e de verdade do Ser é sempre a mesma, embora sua verdade, i.é, o modo de sua desocultação, varie de mundo para mundo”,⁵⁴ o que seria a identidade na diferença. Mac Dowell também deixa algumas perguntas em aberto para reflexão, mas fecha sua última parte deixando um resumo em 3 partes:

1 – Heidegger aponta certamente para algo distinto da liberdade humana, o sagrado, como a dimensão oculta da verdade do ser, que funda a própria abertura luminosa do Ser, constitutiva do aí-ser como liberdade.

2 – Os deuses cultuados no ocidente, especialmente os deuses da religião da Grécia antiga e o Deus da revelação bíblica, são configurações históricas do divino, a partir de experiências do sagrado, que tiveram sua vigência nos seus mundos respectivos, mas que hoje desapareceram, sem retorno possível, do horizonte da existência humana.

3 – A única possibilidade de experienciar ainda o divino é sob a forma do “último Deus”, que não assume qualquer figura religiosa, mas abre

⁵¹ Idem. Pág. 255.

⁵² HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*. GA v. 65. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann (1989), 2ª ed. p. 508.

⁵³ Idem. Pág. 256.

⁵⁴ Idem.

o espaço da autêntica temporalidade, enquanto proporciona ao aí-ser a apropriação de sua própria essência.

Bibliografia Primária

MAC DOWELL, João A. (organizador). *Heidegger – a questão da verdade do ser e sua incidência no conjunto de seu pensamento*. 8ª comunicação: Martin Heidegger e a questão de Deus (Prof. Dr. João A. Mac Dowell SJ). Rio de Janeiro, Editoria Via Verita, 2014, pp. 208-257.

Bibliografia Secundária

FIGAL, Günter. Gottersvergessenheit. ÜBER das Zentrum von Heideggers Beiträgen zur Philosophie, in: *Internationale Zeitschrift für Philosophie*, 2/2000

HEIDEGGER, Martin. Beiträge zur Philosophie (vom Ereignis). GA v. 65. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann (1989), 1994, 2ª ed.

Heidegger, Martin. Brief über den Humanismus, in: Wegmarken. Frankfurt Am Main: Vittorio Klostermann, 1967

HEIDEGGER, Martin: Nietzsche I. ga V.6.1; Nietzsche II. GA v.6.2 Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1996, 1997.

HEIDEGGER, Martin. Phänomenologie des religiösen Lebens. GA v.60, Frankfurt am Main: Vittorio Klosermann, 1995

HEIDEGGER, Martin. Spiegel-Gespräch mit Martin Heidegger (23. Septembber 1966, in: Reden und andere Zeugnisse eines Lebensweges. GA v.16. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000)